

O registro das memórias sobre a chegada das águas da *Represa de Furnas* à luz da interface entre as técnicas do documentário e da história oral: um relato de experiência

FLAVIANE FARIA CARVALHO¹

Artigo recebido em 12 de Agosto de 2019,
aprovado para publicação em 9 de Setembro de 2019

Resumo

Este artigo é um relato de experiência, na linha de pesquisa-criação, que tem como objetivo apresentar as contribuições resultantes da abordagem teórico-metodológica entre as técnicas do Documentário e da História Oral, com o objetivo de registrar e preservar a memória vinculada aos impactos da construção da barragem de Furnas na região sul de Minas Gerais, Brasil. Os critérios e procedimentos adotados foram expostos a partir da investigação do assunto, da seleção das fontes, da preparação do pré-roteiro das entrevistas, da captura audiovisual das falas, da montagem, da edição das informações coletadas e filmadas, e a produção do documentário. Por fim, foram organizados eventos para oferecer um retorno aos protagonistas cujos relatos respaldaram o estudo; e foi criado um canal com a função de arquivo digital de histórias audiovisuais sobre os impactos da construção da barragem de Furnas, para sensibilizar a comunidade local sobre a valorização de seu patrimônio histórico e cultural. Os resultados mostraram o drama dessas comunidades, que sentiram a perda territorial como a perda da própria identidade cultural, dada a relação de pertencimento que estabelecemos com os espaços em que interagimos, onde também abrigamos nossas memórias afetivas e as vivências que nos definem como sujeitos.

Palavras-chave: História Oral; Documentário; Patrimônio Social; Memória Cultural; Represa de Furnas; Comunicação Social.

1 Professora Adjunta I do Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Alfenas. Doutora em Linguística. Mestre em Estudos Linguísticos. Bacharel em Jornalismo. Correo electrónico: flavianefc@hotmail.com.

The record of memories about the arrival of *Furnas Dam waters* in light of the interface between documentary techniques and oral history: an experience report

Abstract

This article is an experience report, in the research-creation line, that aims to present the contributions resulting from the theoretical-methodological approach between the techniques of the Documentary and Oral History, with the purpose of recording and preserving the memory linked to the impacts of the construction of the Dam of Furnas in the southern region of Minas Gerais, Brazil. The criteria and procedures adopted were exposed from the investigation of the subject, the selection of sources, the preparation of the pre-script of the interviews, the audiovisual capture of the statements, the movie montage, the edition of the information collected and filmed, and the production of the documentary. Finally, events were organized to offer a return to the protagonists whose reports supported the investigation; and a channel was created with the function of digital archiving of audiovisual stories about the impacts of the construction of the Furnas dam was created, to sensitize the local community about the appreciation of its historical and cultural. The findings show the deama of the communities, which felt the territorial loss a loss of cultural identity, given the relationship of belonging we establish with the spaces in which we interact, where we also harbor our affective memories and the experiences that define us as subjects.

Keywords: Documentary; Oral History; Social Heritage; Cultural Memory; Dam of Furnas; Social Communication.

1. Introdução. A nascente: origem e finalidade desta pesquisa

A região sul mineira possui uma história preciosa, porém, circunscrita à pesquisa individual de algumas pessoas ou à posse de algumas famílias tradicionais. Fotos, jornais e outros documentos históricos de extrema relevância para a compreensão do passado dessas comunidades não estão, muitas vezes, sistematicamente organizados e acessíveis à população.

Diante desse quadro, pesquisadores do projeto *Histórias de quando a água chegou*, vinculado ao Programa de Extensão CIVITAS², da Universidade Federal de Alfenas, detectaram a necessidade de estudar formas de trazer à tona e ao conhecimento da comunidade registros e memórias de pessoas que vivenciaram tempos e acontecimentos que não foram abordados

2 O Programa de Extensão CIVITAS - Práticas e Teorias do Literário, lançado em 2014, é uma iniciativa do curso de Letras da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). Tem por objetivo tornar-se um centro de difusão da memória, cultura e produção literária do Sul de Minas Gerais.

por órgãos oficiais e que impactaram diretamente na vida social, econômica e cultural das nossas cidades. Um desses acontecimentos foi, sem dúvida, os prejuízos econômicos e culturais silenciosamente vivenciados por grande parte da população do Sul de Minas Gerais, em função da construção da Represa de Furnas, considerada a primeira hidrelétrica de grande porte do Brasil. De acordo com Carvalho:

A Usina Hidrelétrica de Furnas começou a ser construída no médio Rio Grande [...], entre os atuais municípios de São José da Barra e São João Batista do Glória, em 1958, no governo do presidente Juscelino Kubitschek [...]. Sua localização estratégica entre as cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte – onde ficavam os principais parques industriais brasileiros – foi considerada fundamental para salvar o país de uma crise energética que poderia levar a indústria nacional a um colapso. Contudo, o lago formado a partir da construção da barragem da usina inundou 1.406,26 Km² de terras em 34 municípios³, gerando revolta, causando prejuízos às atividades econômicas desenvolvidas na região e transformando radicalmente a vida de toda a população (2017, p. 7).

Segundo o referido autor, o processo de desapropriação de terras e transferência de vilas e cidades foi noticiado pela imprensa, órgãos e documentos oficiais do governo, e pela igreja da época. O episódio da chegada de Furnas à região também foi tema de obras literárias como *A Represa* e *O Cristo Submerso*, de Waldir de Luna Carneiro (2008-2010); *Mandassaia*, de Ildeu Manso Vieira (2018); *Meu mundo submerso*, de Maria Francisca Macedo Frazão (2013), e *Os Malaquias*, de Andréa del Fuego (2010).

No âmbito acadêmico, livros, artigos e monografias foram desenvolvidos na UNIFAL-MG sobre o impacto econômico e social na região do Sul de Minas provocado pela construção da Hidrelétrica de Furnas, conforme pode ser conferido, respectivamente, em Carvalho *et.al.* (2017), Martins (2010), Vieira & Carvalho (2013), Gonçalves (2014), Carvalho & Nogueira (2015).

Contudo, ainda há muitas histórias não-oficiais a serem contadas. Registrar em formato de documentário parte dessa história a partir das narrativas orais de cidadãos comuns que testemunharam esse acontecimento –e que, direta ou indiretamente, sofreram consequências decorrentes dele– foi o que nos motivou, desde 2016, a criar e a mergulhar fundo nesta pesquisa.

O registro audiovisual das histórias orais geradas a partir da construção da Hidrelétrica de Furnas possibilita a captação dos testemunhos em todas as suas dimensões de representação, ao contemplar aspectos gestuais, expressivos e prosódicos. Na primeira etapa do projeto, foi produzido um documentário com base nos relatos das memórias de moradores das cidades de Carmo do Rio Claro e Guapé, chamado *Histórias de quando a água chegou: Antônio Adaute e os índios*. Nesta segunda etapa do projeto, um novo documentário foi produzido, com foco

3 Esses municípios são: Aguanil, Alfenas, Alpinópolis, Alterosa, Areado, Boa Esperança, Cabo Verde, Camacho, Campo Belo, Campo do Meio, Campos Gerais, Cana Verde, Candeias, Capitólio, Carmo do Rio Claro, Coqueiral, Cristais, Divisa Nova, Elói Mendes, Fama, Formiga, Guapé, Illicínea, Itapeçerica, Lavras, Nepomuceno, Paraguaçu, Perdões, Pimenta, Ribeirão Vermelho, São João Batista do Glória, São José da Barra, Três Pontas e Varginha.

nas histórias orais relatadas pelos moradores da cidade de Alfenas, cujo nome é *Histórias de quando a água chegou: Alfenas e suas memórias submersas*⁴.

Para tanto, foi necessário adotar um referencial teórico-metodológico capaz de coletar, registrar e sistematizar informações contidas nas memórias expressas pelos relatos orais dos atores sociais entrevistados, representativos da temática em estudo, por meio da articulação teórica entre História Oral, Memória, Patrimônio Imaterial e Documentário. Pretende-se, assim, propor uma *práxis* orientada para o registro e expressão de acontecimentos de interesse social, a partir da representação de histórias particulares ou coletivas, funcionando como um acervo audiovisual da memória, mais precisamente, do patrimônio imaterial da nossa comunidade local.

2. Referência teórica. Sedimentação entre a história oral e a memória coletiva

A atividade de pesquisa aqui desenvolvida investiga com base empírica, requerendo uma ação, qual seja, o atendimento a uma questão coletiva, atinente à demanda pela documentação e preservação das histórias referentes à chegada das águas da barragem de Furnas ao município de Alfenas. Nesse processo, professores, estudantes, moradores e trabalhadores locais foram envolvidos no projeto.

Esta é a razão pela qual a presente pesquisa enquadra-se no paradigma qualitativo, haja vista sua ênfase em retratar a perspectiva dos participantes, possibilitando aos pesquisadores captar o significado que estas pessoas atribuem à sua vida e às suas experiências cotidianas, inseridas em seus respectivos contextos (Lüdke & André, 1986).

Nesse sentido, vale sublinhar que o propósito deste trabalho foi registrar, via documentário, os relatos orais produzidos por estes atores sociais, e não os analisar ou elaborar enunciados científicos generalizáveis. Ademais, tem como alvo a intervenção, já que poderá suscitar novas diretrizes e políticas públicas locais e/ou regionais sobre o patrimônio histórico imaterial da referida região, sobretudo nos lugares afetados pela inundação provocada pelas águas de Furnas.

Como estratégia de pesquisa, o trabalho adota a História de Vida, concebida como um: "... relato retrospectivo da experiência pessoal de um indivíduo, oral ou escrito, referente a fatos e acontecimentos que foram significativos e constitutivos de sua experiência vivida" (Chizzotti, 2011, p. 101). A partir desta estratégia, é possível desvelar atitudes, representações e valores individuais que reproduzem relações sociais mais amplas – permitindo, assim, captar o modo pelo qual os indivíduos resgataram os fios da memória a fim de tecer suas próprias histórias, modelando a sociedade e ao mesmo tempo sendo moldados por ela.

4 Para assistir a esses documentários, basta acessar o link: <https://www.youtube.com/channel/UCJbTOcYC-2cWwZbsifSTRlYQ>

Desta perspectiva, o testemunho é considerado fonte e objeto da pesquisa, do qual são extraídas informações da vida pessoal de vários informantes, com vistas a compreender o sentido das comunicações, bem como seu conteúdo manifesto ou latente (Burger & Vituri, 2013, p. 5). Deste modo, essa estratégia de pesquisa tende a assegurar: “A cientificidade da técnica, a qualidade das informações recolhidas, seu registro e a redução do volume de dados [...] além da posição atitudinal do entrevistador...” (Chizzotti, 2011, p. 95). Paralelamente às narrativas orais desses indivíduos, fontes alternativas de informações foram consultadas, tais como livros, fotos, mapas, trabalhos acadêmicos e outros conteúdos relevantes sobre o tema abordado.

Como instrumento de registro dos relatos orais, foram realizadas entrevistas presenciais filmadas, a partir da abordagem metodológica de História Oral, considerada uma técnica de coleta de dados calcada na realização de entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre fatos, acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida e outros aspectos da história contemporânea (Meihs, 2005).

A modalidade de História Oral aqui adotada é a temática, pois focaliza o envolvimento e/ou participação direta ou indireta do entrevistado em relação ao tema central da pesquisa, sem perder de vista o lugar de fala do entrevistado e sua relação com o tema abordado.

Para Freitas (2002), a técnica da História Oral se mostra válida e relevante porque:

Possibilita o registro das reminiscências das memórias individuais, a reinterpretação do passado, enfim, uma história alternativa à ‘história oficial’, essencial para a recuperação do vivido e do construído ao longo da história da humanidade e dos sujeitos que a compõem dando-lhes vida e colorido e ao mesmo tempo sendo coloridos e ganhando vida nela (Freitas, 2002, p. 82). Apud, Burger & Vituri (2013, p. 9).

Assim, indivíduos até então pertencentes a categorias sociais excluídas e/ou ignoradas pela história oficial têm a oportunidade de serem ouvidos, deixando suas memórias e sua própria visão de mundo registradas para análises futuras. A História Oral é, portanto, uma história construída em torno de pessoas, ou melhor, heróis do cotidiano que, devido a sua condição de anonimato, estariam “desautorizados” a trazer o seu olhar para dentro da história.

Uma outra contribuição desta metodologia consiste em valorizar o papel do idoso na perpetuação da memória e na aproximação entre gerações e classes sociais distintas, através de redes de relacionamento e partilha de saberes. Afinal, cada indivíduo entrevistado expressa os fatos e os acontecimentos vividos na sua trajetória pessoal e social em uma experiência comunicável pela linguagem, em seu sentido mais amplo.

Nessa esteira, Bosi tece uma oportuna distinção entre os atos de lembrar e de reviver:

...lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado [...]. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítido que nos pareça

um fato antigo, ele não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor (1987, p. 57).

Seguindo esta lógica, é possível inferir que lembrar é um ato praticado em conjunto, não porque a memória coletiva seja a soma das memórias individuais, mas porque, de acordo com Halbwachs, a memória individual é apenas um "...ponto de vista sobre a memória coletiva" transitoriamente entrecortada por simultaneidades, por "alteridades mais ou menos coesas" (2004, p. 55). Contudo: "Cada um de nós tem uma ideia de sua própria memória e é capaz de discorrer sobre ela para destacar suas particularidades, seu interesse, sua profundidade ou suas lacunas" (2004, p. 24).

Nesse sentido, chega-se à compreensão de que a História Oral percorre as trilhas da Memória Coletiva, mais especificamente as veredas da memória representacional, que atribui "poder identitário" à comunidade estudada. Afinal, segundo Castells (2000, p. 53), a identidade é a fonte de significado e experiência de um povo, construídas e negociadas no seio das estratégias de sobrevivência concernentes à memória.

Para além de desafiar o juízo autoritário construído em torno dos mitos consagrados da história oficial, a História Oral fornece alternativas para uma transformação radical no sentido social da história (Thompson, 1992, p. 44), ao produzir um tipo de conhecimento oriundo da realidade cotidiana, validado em meio às vozes silenciadas ecoadas do passado, recriando assim um futuro com novos tempos e significações, propício para ações emancipatórias.

Esse diálogo estabelecido entre a História Oral e a Memória Coletiva oportuniza, ainda, a interface com a pesquisa sobre Patrimônio Imaterial Cultural, diretamente associada às representações, expressões, conhecimentos e saberes que a comunidade, os grupos ou indivíduos possuem acerca de seu patrimônio cultural e histórico. Para Bortolotto:

Esse patrimônio cultural imaterial, transmitido de geração a geração, é constantemente recriado pela comunidade e pelos grupos em resposta aos seus ambientes, suas interações com a natureza e suas histórias, bem como seu sentido de identidade e continuidade, promovendo desse modo o respeito pela diversidade cultural e a criatividade humana (2011, p. 9).

Ao produzir um documentário sobre as histórias orais ligadas aos impactos da construção da represa de Furnas em Alfenas, pretende-se, por um lado, fortalecer a memória associada a este acontecimento, incitando a reflexão acerca dos seus efeitos e, por outro, preservar e perpetuar conhecimentos que potencializem novas ações para o futuro.

A visão tradicional do documentário está arraigada à crença na sua capacidade de transmitir a sensação de autenticidade, de fidelidade e testemunho da realidade, ao registrar situações e acontecimentos da mesma maneira com que podemos ver em nosso cotidiano. Também chamados de não-ficção, os documentários são formas de representação social, já que:

...representam de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos. Tornam visível e audível, de maneira distinta, a matéria de que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e a organização realizadas

pelo cineasta. Expressam nossa compreensão sobre o que a realidade foi, é e o que poderá vir a ser. Esses filmes também transmitem verdades, se assim quisermos (Nichols, 2005, pp. 26-27).

Dada a sua capacidade de oferecer novas visões de um mundo comum, expandindo a nossa compreensão e reflexão, cabe ao espectador avaliar os pontos de vista e os argumentos apresentados pelos documentários de representação social, decidindo acreditar ou não em sua lógica de raciocínio, proveniente de indivíduos, grupos ou instituições.

No entanto, Nichols (2005, p. 28) ressalva que não se trata de uma única reprodução da realidade, mas sim de uma representação – em meio a infinitas outras possíveis – do mundo em que vivemos. Por certo, uma imagem não consegue demonstrar e informar tudo o que o que de fato ocorreu na realidade, podendo ser alteradas durante e após o acontecimento, por meio de recursos convencionais e digitais.

Nestes documentários de não-ficção, as personagens são tratadas como atores sociais, pois continuam a viver sua rotina independentemente da presença ou não da câmera. O interesse do cineasta recai sobre a originalidade ou a maneira peculiar desses atores sociais de ver o mundo. Assim, podemos assistir ao mundo histórico que compartilhamos como se fosse filtrado pelas percepções particulares e legítimas desses indivíduos. O método de filmagem adotado foi o modo participativo, centrado na interação entre o cineasta e o tema, por meio do qual podemos testemunhar o acontecimento histórico segundo a representação da experiência do entrevistado com o tema abordado (Nichols, 2005).

O uso da entrevista em documentários cumpre o papel de construir e resgatar uma memória coletiva, quando vários personagens falam de suas experiências ou lembranças acerca de um determinado acontecimento. Para Nichols, as entrevistas são “...uma forma distinta de encontro social. [...] Os cineastas usam a entrevista para juntar relatos diferentes numa única história. A voz do cineasta emerge da tecedura das vozes participantes e do material que trazem para sustentar o que dizem” (2005, p. 160).

Trata-se, portanto, da elaboração de um discurso calcado em ocorrências do real, condicionado aos testemunhos dos entrevistados, o que aponta para a necessidade de uma etapa dedicada à organização textual do documentário, o chamado roteiro, sobre o qual será discorrido mais adiante.

3. Passos metodológicos

3.1. A travessia: percursos e descobertas

No documentário, o domínio do universo da representação é uma conquista gradual, cujo percurso caracteriza-se pela perspectiva daquilo que está por vir, pela apreensão de um real que, aos poucos, vai sendo talhado até tomar a forma de filme.

Nesta nova etapa do projeto, referente a 2018, a primeira reunião de trabalho ocorreu em 22 de março, coincidentemente, data em que é comemorado o Dia Mundial da Água. Nela, o

objetivo, a calendarização de ações previstas e a equipe⁵ foram apresentados aos docentes e discentes envolvidos no Programa de Extensão CIVITAS. Nos encontros seguintes, foram feitas leituras e discussões teórico-metodológicas, a fim de oferecer embasamento para a pesquisa em desenvolvimento.

O próximo passo foi a seleção das fontes, orientada com base na representatividade de cada entrevistado em um determinado segmento social do município de Alfenas, considerando, sobretudo, aqueles que viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ou situações associadas à construção da barragem de Furnas e que tiveram suas vidas afetadas por este acontecimento, o que lhes confere autoridade para fornecer depoimentos significativos a respeito do assunto. Cumpre sublinhar que a quantidade de pessoas não foi o fator mais relevante para a investigação, mas sim a qualidade, haja vista que:

...uma única entrevista pode ser extremamente relevante, mas ela só adquire significado completo no momento em que sua análise puder ser articulada com outras fontes igualmente relevantes. No caso da metodologia de história oral, essas outras fontes são também e prioritariamente outras entrevistas. O número de entrevistados de uma pesquisa de história oral deve ser suficientemente significativo para viabilizar certo grau de generalização dos resultados do trabalho (Alberti, 2004, p. 36).

Com base nestes parâmetros, a amostra de entrevistados foi composta por oito⁶ pessoas, com predomínio de idosos, pois “se sentem mais à vontade para falar sobre sua experiência e interpretar o passado [...]. Além de não correrem mais muitos riscos ao revelar acontecimentos ou opiniões, que, à época em que ocorreram, poderiam comprometer os envolvidos” (Alberti, 2004, pp. 31-34). Para atender a requisitos éticos e jurídicos, cada um dos entrevistados assinou um termo de cessão, devidamente elaborado pela UNIFAL-MG, dos direitos de uso audiovisual e impresso dos seus depoimentos.

A decisão sobre quando encerrar a realização das entrevistas se deu com a pesquisa em progresso, norteadas pelo conceito de saturação, de Bertaux (1980, pp. 197-225; Alberti, 2004, p. 36), segundo o qual “... há um momento em que as entrevistas acabam por se repetir, seja em seu conteúdo, seja na forma pela qual se constrói a narrativa”. Daí a impossibilidade de se estabelecer previamente o número de pessoas a serem entrevistadas. Por isso, a listagem precisa ser flexível, já que, à medida que o trabalho avança, vão se encontrando novas fontes e descartando outras.

Antes de dar início à captação audiovisual dos depoimentos, procedeu-se à testagem dos equipamentos, com o intuito de minimizar eventuais problemas técnicos nos dias das filmagens. Toda a coleta de dados foi feita a partir de uma série de ações *in loco* ocorridas de 8 de maio a 17 de julho de 2018, agendadas conforme a disponibilidade de cada entrevistado.

5 A equipe do projeto em questão é composta por dois professores coordenadores, uma aluna bolsista e três alunas voluntárias.

6 Em virtude da restrição de caracteres definida por esta revista, este artigo contempla trechos dos relatos orais de apenas dois dos oito entrevistados da pesquisa.

A professora, coordenadora adjunta do projeto, ficou responsável pela condução das entrevistas, enquanto as alunas operavam os equipamentos de gravação e registro fotográfico. As entrevistas foram iniciadas com uma conversa introdutória, feita pela entrevistadora, contendo as explicações dos objetivos da entrevista e a solicitação para que a pessoa entrevistada contasse: a) como era a vida antes e depois da chegada das águas da represa; b) de quais pessoas (personagens), objetos, fatos ou acontecimentos tinham lembranças; c) quais foram os impactos sociais, econômicos e geográficos provocados pela construção da barragem para a sua vida e/ou para a população alfenense?

É importante mencionar que as questões iniciais foram apenas norteadoras da entrevista, pois ao longo da conversa emergiram outras questões dotadas de importância e interesse, razão pela qual o roteiro de perguntas precisa ser sempre flexível. Houve, ainda, uma orientação prévia para que não se interrompesse ou discordasse do entrevistado, evitando também questionamentos duplos e indução de suas respostas. Nos casos em que surgiram dúvidas, todas foram sanadas no final da entrevista.

Outra atividade de pesquisa realizada simultaneamente com as entrevistas foi a observação e o registro do espaço e da paisagem onde as entrevistas ocorreram, na maioria das vezes, nos locais de morada ou trabalho dos entrevistados, quais sejam, às margens do Lago de Furnas. Esta atividade se caracterizou por uma “caminhada” por estes lugares, incluindo seus arredores, dos quais foram feitos levantamentos fotográficos.

Para prevenir possíveis imprevistos ou problemas técnicos relacionados à iluminação e à captação de som, Puccini (2007, p. 88) recomenda mapear e fazer um cuidadoso estudo dos locais de filmagem. Tal fato pode ser constatado na prática pela equipe, logo na primeira entrevista, visto que o local de realização era próximo a uma rodovia, verdadeira fonte de ruídos. Em relação à fotografia, este autor ressalta a conveniência de observar a iluminação dos locais de filmagem, tais como a incidência de luz natural e as fontes de eletricidade, caso haja a necessidade de luz artificial.

3.2 Meandros: montagem e produção do roteiro

A prática de roteirização em documentário evidencia o esforço em obter o controle de um universo externo fragmentado, de organização de um real nem sempre dotado de sentido. De acordo com Puccini (2007, p. 21), roteirizar significa recortar, selecionar e estruturar eventos dentro de uma ordem que necessariamente encontrará seu começo e seu fim. Conforme visto até aqui, a seleção principia com a definição do tema, do recorte de um mundo a ser explorado e moldado por meio de documentário. Segue com a definição dos personagens e das vozes que darão consistência a essa pesquisa. Envolve também a escolha de locações, cenas, sequências e, ainda, o trabalho de câmera e som, a decupagem⁷ do material bruto filmado e, por fim, a montagem.

7 Decupagem é a listagem das melhores cenas filmadas e a marcação de sua minutagem, para posterior seleção dos trechos a serem aproveitados na edição.

Todo o processo de montagem começa com a análise do material filmado, tanto das imagens quanto dos sons captados. A montagem narrativa é concebida por Puccini como:

...o aspecto mais simples e imediato da montagem, que consiste em reunir, numa sequência lógica ou cronológica e tendo em vista contar uma história, planos que possuem individualmente um conteúdo fático, e contribui assim para que a ação progreda do ponto de vista dramático (o encadeamento dos elementos da ação segundo uma relação de casualidade) e psicológico (a compreensão do drama pelo espectador) (2007, p. 179). (Cf. Martin, 1990, pp. 131-134).

Em se tratando de documentário, o trabalho de montagem geralmente não dispõe de nenhum roteiro pré-definido acerca de sua estruturação. Conforme mencionado anteriormente, a equipe teve apenas uma proposta de filmagem com uma temática principal. Isso explica o motivo pelo qual a bolsista responsável por montar o documentário teve de trabalhar com uma quantidade excessiva de material filmado, o que dificultou enormemente seu processo de seleção, exigindo um tempo maior para a finalização desta etapa.

A primeira montagem foi feita a partir da decupagem das entrevistas, a fim de produzir o primeiro roteiro técnico. Cabe aqui assinalar a recusa do recurso à *voz over*⁸, já que o testemunho oriundo da situação da entrevista foi considerado o motor da memória e a matéria-prima que alimenta a narrativa do documentário.

Uma vez selecionadas as cenas, foram definidas a sua ordenação, respeitando ou não a cronologia dos fatos da história contada, o que permitiu traçar a estrutura narrativa do filme, qual seja: 1) as memórias de como era a vida e os costumes antes, durante e após a inundação; 2) os ganhos e perdas da população local; 3) as incertezas sentidas na atual conjuntura da comunidade. A partir daí, mais ajustes foram feitos para conferir ritmo ao filme, eliminando tempos mortos e garantindo a precisão dos cortes. Em seguida, foi realizada a transcrição das entrevistas, para fins de legendagem e escrita do roteiro final, acompanhada da anotação dos tópicos que resumiam as informações relatadas por parte de cada entrevistado.

Para que o documentário não se tornasse fastidioso, composto somente por entrevistas, foi essencial recorrer a materiais de arquivo da época tratada – tais como fotos, mapas e cartelas de textos – para complementar ou ilustrar os relatos. Também chamadas de intertítulos, as cartelas de textos funcionam como recurso de síntese de informações do documentário. Além de sua função informativa, servem para “pontuar o documentário, marcar um ritmo para o filme e os inícios de blocos temáticos, além de propiciar a exploração de efeitos estéticos através da formatação do texto na tela” (Puccini, 2007, p. 216).

Nesse sentido, foi feita uma visita ao Arquivo Público Municipal de Alfenas, em busca desses materiais, mas nenhum documento relacionado com o tema da pesquisa foi encontrado –

8 A *voz over* é o som da voz que não nasce da situação de filmagem, não está ligado à imagem que acompanha, mas é sobreposto à imagem durante a montagem do filme. Também denominada “voz de Deus”, normalmente a *voz over* se ocupa da narração do documentário (Puccini, 2007, p. 130).

fato que reforçou a necessidade de tornar acessível à população as memórias dessa época. Pouco do que se conseguiu obter foi graças à generosidade dos próprios entrevistados, que possuíam algumas fotografias antigas.

No que diz respeito ao som direto, trata-se de um recurso que deve aparecer em sincronia com as imagens. No documentário realizado, foi obtido das entrevistas, na própria situação de filmagem. Quanto à trilha musical, buscamos incluir sonoridades que remetessem ao universo semântico da água e dos sons que compõem o imaginário da região.

Como pode-se notar, é na ocasião da montagem em que o documentarista adquire o controle total da representação do filme, orquestrando entrevistas, sequências, imagens de arquivo, tomadas em locação, imagens de arquivo e o som, conferindo sentido ao filme. Assim, roteiro e montagem formam um elo que arremata o ciclo de gestação do filme.

4. Resultados e reflexões finais. A foz: ou seriam novos afluentes?

O documentário resultante de todo esse trabalho consiste em uma montagem e/ou interpretação particular dos pesquisadores envolvidos no projeto, fundamentada em informações orais, registros da época e na análise da realidade social na qual se deu a experiência relatada nas histórias orais dos entrevistados.

Ao longo da coleta e da filmagem dos relatos sobre a chegada das águas de Furnas, descobriu-se que alfenenses vivenciaram a condição de refugiados, forçados a abandonar o cultivo de suas terras, a fim de mudar para a cidade, em razão da vinda do mar de água doce:

Então quando as águas inundaram, levaram aquele monte de sede de fazenda, levaram aquele monte de terra fértil, mas levaram também a fonte de renda daquela gente toda [...] 35 a 40 mil pessoas viraram, exagerando um pouco na comparação, refugiados de guerra, como na Síria hoje [...] porque eles não tiveram reembolso à altura, ficaram pobres. Muitos perderam a casa e não tinham pra onde ir. Então é situação de refugiados mesmo. Então nós tivemos uma perda econômica, uma perda humana com êxodos e tivemos a perda ainda da memória local (Jovany Sales-Rey, 2018).

Além disso, aprendeu-se mais sobre como era a vida social antes da inundação, até então conduzida sob as trilhas dos trens:

Ferrovia. É algo que ninguém lembra quando a gente fala nas águas. Destruíram o sistema ferroviário. Todo o escoamento da produção agrícola de Alfenas, do Sul de Minas, e de todo o transporte de passageiros da nossa região pra Rio, São Paulo e Belo Horizonte era tudo estrada de ferro [...] Toda a economia da cidade girava em torno da ferrovia. Era vital em torno do arroz, da produção agrícola (Jovany Sales-Rey [roteirista], 2018).

Conheceu-se, ainda, o drama de comunidades que perderam seus acessos e se tornaram verdadeiras ilhas, como é o caso dos bairros rurais Barranco Alto e Mandassaia:

Esses moradores, quando veem aquilo se perdendo, a água vindo, a água inundando tudo aquilo. Um curral que o avô ou bisavô fez, uma árvore que foi plantada, né? Que aquela árvore tem toda uma história. Tem todo um sentimento. Essas pessoas têm um sentimento pela terra. Por tudo que tá ali cercado. Por tudo que ele tá vivendo e por tudo que ele viveu. Então tudo ali tem memória, tem lembranças. E quando a água vem, que vai carregando os bens materiais, mas não tá levando só os bens materiais, tá levando as lembranças, as memórias daquelas pessoas. O pertencimento daquelas pessoas com a terra. Isso é o que ficou enraizado naquelas pessoas. Essa perda (Marly Teodora Nogueira, 2018).

Trata-se, portanto, da perda de parte da identidade de centenas de pessoas. Afinal, a identidade também se constrói a partir das relações que estabelecemos com o espaço.

Para salvaguardar tais memórias, associadas aos impactos da construção da Represa de Furnas na vida dos alfenenses, assegurando a vitalidade do patrimônio imaterial histórico e cultural, realizou-se a pesquisa, a documentação audiovisual, a valorização, promoção e a transmissão do produto resultante do trabalho levado a efeito, por meio de duas ações principais.

A primeira delas foi a organização de eventos que proporcionem a devolutiva aos protagonistas geradores e à comunidade da qual originou o tema abordado, seguindo as recomendações advindas dos estudos em História Oral, que preconiza a relevância de voltar-se para o grupo que gerou as entrevistas, demonstrando-lhes os resultados e o papel social que cumpriram.

Atendendo a esse princípio, no primeiro semestre de 2018, foi organizado um evento especial na UNIFAL-MG, aberto a toda a comunidade, com o objetivo de apresentar resultados parciais dos projetos integrantes do programa extensionista CIVITAS. Na ocasião, também foi realizado o lançamento do livro “Histórias de quando a água chegou – um resgate literário e cultural dos relatos orais surgidos com a construção da barragem de Furnas”, escrito pelos pesquisadores envolvidos na investigação. No final do mesmo ano, foi organizado um evento de encerramento das atividades desenvolvidas pelo projeto no decorrer de 2018, quando foi exibido o documentário, contando com a presença dos entrevistados. Acreditamos que iniciativas como essa demonstram o respeito por parte dos pesquisadores pelos atores sociais que tanto contribuíram para a consecução de todo o projeto.

A segunda ação, por sua vez, foi a criação de um acervo digital de histórias audiovisuais na UNIFAL-MG sobre os impactos da construção da represa de Furnas, a fim de promover a sensibilização da comunidade local acerca da valorização do seu patrimônio imaterial histórico e cultural e servir de fonte de estudo para diferentes áreas do conhecimento. Para tanto, foi criado o Canal do YouTube *Histórias de quando a água chegou*, onde é possível encontrar os documentários produzidos, referentes a esse acontecimento histórico que provocou profundas transformações na vida e nos costumes da população sul-mineira.

5. À guisa de conclusão

Para concluir, cumpre sublinhar que o presente relato de experiência teve por finalidade contribuir para as pesquisas sobre o patrimônio histórico e cultural dos municípios situados às margens do Lago de Furnas, seja por meio da formação de acadêmicos comprometidos com esta causa, servindo de base para o desdobramento de outras pesquisas futuras; seja por meio da sensibilização das comunidades locais para a valorização e preservação de suas memórias. Espera-se, assim, que o conhecimento produzido pelo documentário, feito a tantas mãos, seja capaz de ajudar a revelar o passado, entender melhor o presente e oportunizar inovação para o desenvolvimento futuro da região. Afinal, esse patrimônio se mostra essencial para a construção da cidadania, de identidade e do sentimento de pertença do nosso povo.

Referências bibliográficas

- Alberti, V. (2004). *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Bortolotto, Ch. (2011). A salvaguarda do patrimônio cultural imaterial na implementação da Convenção da UNESCO de 2003. *Revista Memória em Rede*, Pelotas, 2 (4), 5-17.
- Bosi, E. (1987). *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Cia das Letras.
- Burger, E. R. & Vituri, R. C. I. (2013). Metodologia de pesquisa em ciências humanas e sociais: história de vida como estratégia e história oral como técnica – algumas reflexões. In: *XI Encontro de Pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo. Currículo, tempos, espaços e contextos: nosso tempo presente* (São Paulo). [Online]. Disponível em: https://www4.pucsp.br/webcurrículo/edicoes_antiores/encontro-pesquisadores/2013/downloads/anais_encontro_2013/poster/reneecoura_ivovituri_edneiareginaburger.pdf
- Carneiro, W. de L. (2008). A Represa (Secretaria Municipal de Educação e Cultura, Alfenas). *Teatro Completo*, 1, 53-85.
- Carneiro, W. de L. (2010). O Cristo Submerso (Secretaria Municipal de Educação e Cultura, Alfenas). *Teatro Completo*, 2, 345-439.
- Carvalho, F. F.; León, Ítalo O. R. L.; Carvalho, P. C. L. & Borges, R. (2017). *Histórias de quando a água chegou: um resgate literário/cultural dos relatos orais surgidos com a construção da Barragem de Furnas*. Alfenas-MG: Editora UNIFAL-MG.
- Carvalho, L. S. & Nogueira, M. T. (2015). *Memórias Alagadas: a construção da hidrelétrica de Furnas e a submersão da vida*. (Monografia - Bacharelada em Ciências Sociais). Alfenas: Universidade Federal de Alfenas.
- Castells, M. (2000). *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra.
- Chizzotti, A. (2011). *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 4o. ed. São Paulo: Vozes.
- Del Fuego, A. (2010). *Os Malaquias*. Rio de Janeiro: Língua Geral.
- Frazão, M. F. M. (2013). *Meu mundo submerso*. São Paulo: Scortecci.

- Freitas, S. M. (2002). *História oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP (Imprensa Oficial do Estado).
- Gonçalves, C. (2014). *As fases da relação do distrito de Barranco Alto com o Lago de Furnas: prosperidade, isolamento e renascimento*. (Monografia - Licenciatura em Geografia). Alfenas: Universidade Federal de Alfenas.
- Halbwachs, M. (2004). *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice.
- Lüdke, M. & André, M.E.D.A. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU.
- Martins, M. L. (2010). Olhares sobre o Mar de Minas: percepções dos moradores de Alfenas e Fama relativas ao Lago de Furnas (1963-1999). *Ambiente & Sociedade*, Campinas, 13 (2), 347-363.
- Meihs, J. C. S. B. (2005). *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola.
- Nichols, B. (2005). *Introdução ao documentário*. Campinas: Papirus.
- Nogueira, M. T. (2018). *Histórias de quando a água chegou: Alfenas e suas memórias submersas* [Entrevista concedida à entrevistadora Flaviane Faria Carvalho]. [Online]. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCJbTOcYC2cWwZbsifSTRIYQ>
- Puccini, S. J. (2007). *Documentário e roteiro de cinema: da pré-produção à pós-produção* (Tese - Doutorado em Multimeios). Campinas: Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP.
- Rey, J. S. (2018). *Histórias de quando a água chegou: Alfenas e suas memórias submersas* [Entrevista concedida à entrevistadora Flaviane Faria Carvalho]. [Online]. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCJbTOcYC2cWwZbsifSTRIYQ>
- Thompson, P. (1992). *A voz do passado: história oral*. São Paulo: Paz e Terra.
- Vieira, I. M. (2018). *Mandassaia*. 2o. ed. Alfenas: Editora UNIFAL-MG.
- Vieira, E. F. & Carvalho, B. (2013). *Grandes Projetos Hidrelétricos: considerações sobre o entorno do Lago de Furnas e as áreas inundadas no município de Alfenas-MG. 2013* (Monografia - Bacharelada em Geografia). Alfenas: Universidade Federal de Alfenas.